

HÁ ARTE EM ANDAR NAS RUAS? "SOLVITUR AMBULANDO"

Ana Cláudia Coutinho Viegas
(Antropologia-UFRJ)

A vida é muito curta
para que se saiba de cor
mais de uma cidade.

(Paulo Leminski)

O centro da cidade é um mistério.

(Rubem Fonseca)

Muito já se falou em torno da arte de andar nas ruas. Considerado como símbolo fundamental da vida moderna, o espaço da rua tem sido escrito e reescrito em textos diversos, constituindo tipos clássicos — como o **flâneur** —, acionados sempre que se deseja refletir sobre o indivíduo e a sociedade moderno-contemporâneos.

Desse conjunto de narrativas, faz parte uma tradição de escritos sobre a cidade do Rio de Janeiro e, mais especificamente, o seu centro. Exercitando-se em diferentes gêneros literários — crônicas, contos, romances —, vários escritores (Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Marques Rebelo e tantos outros) percorreram as ruas do centro carioca, construindo-lhe diversas interpretações etnográficas.

Nessa tradição, insere-se o conto de Rubem Fonseca, “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, em diálogo com as produções anteriores.

Augusto, o personagem principal, tem um projeto: escrever seu livro **A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro**, o qual não será nem um guia de turismo, nem um manual que associe o andar à saúde, nem um guia arquitetônico do Rio antigo ou um compêndio de arquitetura urbana. “Augusto quer encontrar uma arte e uma filosofia peripatéticas que o ajudem a estabelecer uma melhor comunhão com a cidade.” (RN, 19). Para tanto, caminha pelas ruas do centro, objeto do primeiro capítulo de seu livro.

Diversificado e obscuro, o centro da cidade não se deixa apreender por um olhar totalizante e panorâmico:

(...) como ocorre com o centro das coisas em geral, que ou é plano ou é raso, o centro da cidade tem apenas uma pequena colina, indevidamente chamada de morro da Saúde, e para se ver o centro de cima, e assim mesmo mal e

parcialmente, é preciso ir ao morro de Santa Teresa, mas esse morro não fica em cima da cidade, fica meio de lado, e dele não dá para se ter a menor idéia de como é o centro, não se vêem as calçadas das ruas, quando muito vê-se em certos dias o ar poluído pousado sobre a cidade. (RN, 16)

Por isso, Augusto anda a pé e vê a cidade de perto. Sua visão não tem profundidade, “ele está no centro raso da urbe.”²

A proximidade não implica uma familiaridade que impeças aquele que olha de ver.

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.³

Apesar de ter sempre morado no centro do Rio de Janeiro, a heterogeneidade das ruas metropolitanas lhe apresenta um “mosaico de mundos sociais nos quais é abrupta a transcrição de um para o outro.”⁴

A metrópole constitui-se como um caso limite de complexidade, apresentando grande diversidade social e cultural, não só por agregar pessoas de várias origens e tradições, como por produzir diferenças.

Simmel⁵ caracterizou a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade por uma intensificação dos estímulos nervosos, resultante da brusca e ininterrupta alteração entre estímulos exteriores e interiores. Diante do fato de ter que dar respostas diferentes a esses numerosos e contraditórios estímulos, o indivíduo desenvolveria uma proteção pela intelectualização de suas relações. Como haveria um limite de estímulos suportáveis, surgiria a atitude **blasé**, um amortecimento para esses impactos e um modo de enfatizar o racionalismo. A autopreservação do indivíduo em face da cidade grande exigiria dele uma atitude de reserva, isto é, uma indiferença e até mesmo uma leve aversão, estranheza e repulsão.

A heterogeneidade e a fragmentação da metrópole se apresentam no conto de Rubem Fonseca na multiplicidade de situações vividas por Augusto em seu passeio. O centro nos é apresentado como um lugar cujos sobrados, a partir dos anos 40, foram deixando de ser moradias para dar lugar a depósitos, caracterizando aquele espaço como o “miolo comercial da cidade” (RN, 16). Esse progressivo esvaziamento do centro dá lugar a um outro tipo de ocupação humana. Aproximando-se do conceito de “região moral”, de R. Park,⁶ o centro se constitui como um espaço onde prevalece um código moral divergente. Se o imaginário do centro carioca já se compôs, em outros tempos, da boêmia e da malandragem, na narrativa contemporânea, ele se mostra sem aura, na cidade do rato e do excremento. O centro agora é povoado de mendigos, prostitutas decadentes, grafiteiros, pivetes, assaltan-

tes, camelôs — produzidos e segregados pela cidade.

O caminho de Augusto por entre os diversos mundos que compõem esse mosaico não se dá à deriva e ao acaso, como o fazia o *flâneur* configurado por W. Benjamin a partir da poesia baudelairiana.⁷ Percorrendo traçados pré-estabelecidos (reiterados no texto pela indicação dos nomes das ruas que os compõem), o escritor andarilho não é também o homem indiferente e automatizado da multidão, mas um solitário.

A sucessão das cenas urbanas não lhe provoca a indiferença que, para Simmel, caracterizaria a atitude do indivíduo diante dos impactos da metrópole.

*A atitude de perambulação pelas ruas, a importância do olhar do voyeur, o distanciamento e o descomprometimento, expressariam uma ausência de commitment, de adesão diante da heterogeneidade e da fragmentação como limite. (...) Mas as redes de significado, webs of meaning, produzem também outras modalidades de combinação e trânsito na esfera cultural para a própria concepção de indivíduo, marginal ou não.*⁸

*A diversificação de papéis e domínios, associada à possibilidade de trânsito entre estes, possibilitam e produzem identidades multifacetadas e de estabilidade relativa. Configura-se o que já denominei de potencial de metamorfose.*⁹

Gilberto Velho se utiliza da noção de metamorfose, inspirada no poeta Ovídio, para lidar com as múltiplas transformações por que passam os indivíduos em função das diferentes províncias de significado pelas quais transitam. No jogo da permanência e da mudança, as alterações se operam juntamente com a manutenção de experiências anteriores, ainda que reinterpretadas. O potencial de metamorfose permitiria, assim ao indivíduo o trânsito entre diferentes domínios, sem maiores danos psicológico-sociais.

Na relação de Augusto com a cidade perpassam vários discursos: da violência, da cidadania, da nostalgia.¹⁰ Em seu percurso estão as ruínas e lembranças do centro de um outro tempo, cuja memória se estilhaça nos prédios ainda não demolidos e nas lembranças, onde desponta a afetividade e a certeza de que “não sairia do centro por nada”(RN, 35).¹¹

Seu projeto de escrever um livro que o ajude a estabelecer uma melhor comunhão com a cidade ganha consistência a partir da memória de um passado que produziu as circunstâncias do presente. Dessa forma, a memória, retrospectiva, e o caráter prospectivo do projeto, concebido como “conduta organizada para atingir finalidades específicas”, se associam na constituição de sua identidade de andarilho e escritor, marcada, inclusive, pela adoção de um pseudônimo, já que seu nome verdadeiro é Epifânio.¹²

A identidade adquire uma significação dinâmica e cambiante, não se definindo por um conjunto limitado de caracteres, mas sim como produto da negociação da realidade operada nos diversos mundos e códigos de que o indivíduo participa. A intensa mobilidade entre

diferentes domínios contribui para a “sofisticação e o cosmopolitismo do habitante da cidade”. Este não dedica fidelidade exclusiva a nenhum segmento, tornando-se, potencialmente, membro de grupos bastante divergentes, que se tangenciam ou se entrecruzam uns com os outros de forma altamente variável.¹³

O personagem de Rubem Fonseca transita entre os diferentes mundos que compõem o centro do Rio de Janeiro, olhando “com atenção tudo o que pode ser visto”(RN, 12). Um dia, entra, por acaso, num cinema-templo, que é ocupado, diariamente, de 8 às 11 horas, pela Igreja de Jesus Salvador das Almas e, a partir das duas da tarde, exhibe filmes pronográficos.¹⁴ Essa convivência de atividades tão díspares num mesmo espaço pode ser vista como uma situação-limite, reveladora das profundas transformações por que pode passar um indivíduo na sociedade contemporânea. Nada impede que os freqüentadores do cinema-templo coincidam nos dois horários, o que evidencia que a divergência de domínios não é linear e que as diferenças convivem e se superpõem. Outro exemplo dessa coexistência de mundos diversos num mesmo espaço é o encontro de Augusto com a família Gonçalves, composta por catadores de papel, residentes sob a marquise do Banco Mercantil do Brasil.

Essa ausência de fronteiras revela uma distribuição espacial muito peculiar nas metrópoles contemporâneas, ou pelos menos em cidades com imensos problemas sociais como o Rio de Janeiro. Diante desse quadro, fica difícil pensar o espaço urbano dividido em zonas contíguas, como nos sugeria R. Park.¹⁵ Parece-nos que, mais do que de contigüidade trata-se de simultaneidade, podendo-se falar de um potencial de metamorfose também para os espaços. Afinal, Simmel¹⁶ já enfatizara que as relações espaciais não são apenas determinantes das condições de relações entre os homens, mas também as simbolizam.

O deslocamento de Augusto por entre grupos tão diferenciados o aproxima do **stranger**, caracterizado por Simmel¹⁷ como aquele cuja mobilidade ocasiona a síntese da distância e da proximidade, da indiferença e do envolvimento, o que lhe confere uma atitude objetiva em relação ao grupo, sem que essa objetividade signifique uma ausência de participação. Tal atitude apresenta um potencial de confronto, como se pode ver na reação da prostituta Kelly, que não entende o comportamento de Augusto, pois espera dele atitudes de um cliente, ou na desconfiança de Benevides em relação a Augusto:

*Às vezes desconfio até do senhor... (...)
No princípio pensei que o senhor era da
polícia. Depois, da Leão XIII, depois
alguém do banco, mas o gerente é gente
fina e sabe que somos trabalhadores e
não ia mandar nenhum espião dedurar
a gente. (RN, 34)*

A desconfiança motivada por uma certa incompreensão dos objetivos pretendidos pelo outro se assemelha a uma reação comumente encontrada pelo antropólogo por parte dos indivíduos de que se aproxima no trabalho de campo. O ofício requer desse pesquisador — pelo menos, idealmente — um alto grau de cosmopolitismo, fazendo dele também um **stranger** entre os grupos estudados. No caso de investigações sobre nossa própria sociedade, a síntese do perto e do distante, operada pelo estranhamento, redimensiona as categorias do familiar e do exótico.

Ao enfatizar o caráter interpretativo do trabalho do antropólogo, C. Geertz¹⁸ compara a tarefa deste à do crítico literário. Podemos ainda aproximar as duas atividades à do detetive:

seguindo rastros e pistas, procura-se dar significação a um conjunto de sinais.¹⁹

O conto de Rubem Fonseca escolhido como objeto das considerações aqui apresentadas nos narra um olhar sobre o Rio de Janeiro contemporâneo, através de sua etnografia. Reunindo as tarefas do antropólogo e do crítico literário (por si mesmas, já assemelhadas), procuramos apontar no texto processos de construção de significados e, portanto, do mundo social.

NOTAS

- 1 FONSECA, Rubem. **Romance negro e outras histórias**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 9-50. (As citações referentes a esse livro serão indicadas no texto, com as iniciais RN e o número da página.)
- 2 GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 158.
- 3 VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1987, p. 126.
- 4 WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1973, p. 103.
- 5 SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Trad. Sérgio Marques dos Reis. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). op. cit., p. 12.
- 6 PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. in: id. ib., p. 64-6.
- 7 BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Benjamin/Adorno/Horkheimer/Habermas**. Col. "Os Pensadores". São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- 8 VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro, Zahar, 1994, p. 81.
- 9 id. ib., p. 79.
- 10 Cf. o conceito de heteroglossia, de Mikhail Bakhtin, citado por Gilberto Velho, in: id. ib., p. 22.
- 11 Cabe ressaltar a ironia presente no fato de um discurso pela não demolição também ser acionado por Benevides, o chefe do clã de catadores de papel, em relação à sua "casa" de papelão: "ninguém vai mexer com a nossa casa, faz parte do ambiente, entendeu?" (RN, 35).
- 12 Cf. discussões em torno de memória, identidade e projeto em: VELHO, Gilberto. op. cit., 1994, p. 97-105.
- 13 WIRTH, Louis. op. cit., p. 104-5.
- 14 Poder-se-ia fazer uma outra leitura desse conto, a partir desse episódio da igreja, abordando-se as relações entre o indivíduo e a religião na sociedade contemporânea.
- 15 PARK, Robert Ezra. op. cit..
- 16 SIMMEL, Georg. The stranger. In: —. **On individuality and social forms**. Chicago, Chicago University Press, 1971, p. 143.
- 17 id. ib..
- 18 GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- 19 "(...) a menudo, veo la critica como una variante del género policial. El critico como detective que trata de descifrar un enigma aunque no haya enigma. El gran critico es un aventurero que se mueve entre los textos buscando un secreto que a veces no existe. Es un personaje fascinante: el descifrador de oráculos, el lector de la tribu. (...) Se podría pensar que la novela policial es la gran forma ficcional de la critica literaria." (PIGLIA, Ricardo. **Crítica y ficción**. Santa Fe, Universidad Nacional del Litoral, 1986, p. 12-3.).

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Benjamin/Adorno/Horkheimer/Habermas**. Col. "Os Pensadores", São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- FONSECA, Rubem. **Romance negro e outras histórias**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**. Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro. Rocco. 1994.
- PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- PIGLIA, Ricardo. **Crítica y ficción**. Santa Fe, Universidad Nacional del Litoral, 1986.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). op. cit.
- _____. The stranger. In: **On individuality and social forms**. Chicago, Chicago University Press, 1971.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- _____. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro. Zahar, 1994.
- WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). op. cit.